



## Sentindo e cuidando no contexto pandêmico: impactos às ações em saúde mental infantojuvenil

Feeling and caring in the pandemic context: impacts on child and adolescent mental health actions

**Marina de Santis Castelhana<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4393-2177>

**Caick Bispo De Souza<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3173-8118>

**Taliane Machado de Oliveira Leal<sup>3</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4333-7474>

**Monika Wernet<sup>4</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1194-3261>

**Diene Monique Carlos<sup>5</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4950-7350>

<sup>1,2,3,4</sup>Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar. São Carlos (SP), Brasil.

<sup>5</sup>Universidade de São Paulo/ USP. Ribeirão Preto (SP), Brasil.

### Editor Científico:

Tatiane Gomes Guedes

### Editor Chefe:

Maria Wanderleya de Lavor  
Coriolano Marinus

Submissão: 27/03/2024

Aceito: 24/07/2024

Publicado: 06/09/2024

### RESUMO

**Objetivo:** analisar os impactos da pandemia de COVID-19 nas ações em saúde mental infantojuvenil na perspectiva da equipe interdisciplinar de um Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil. **Método:** Pesquisa qualitativa, realizada em 2021, com 8 profissionais de saúde de um município do interior de São Paulo, Brasil, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados por meio de análise temática reflexiva. **Resultados:** Foram identificadas dificuldades enfrentadas por crianças e adolescentes durante a pandemia, em especial pelo afastamento escolar, entretanto tais vivências necessitam ser singularizadas em projetos terapêuticos. Os profissionais também relataram impactos à sua própria saúde mental, bem como isolamento institucional. Os atendimentos focaram-se em encontros individuais, principalmente quando em situação de crise, e remotos, sendo incluídas novas ferramentas tecnológicas. **Conclusão:** o estudo traz contribuições para a construção do cuidado em saúde mental infantojuvenil em período pós-pandêmico, em especial pela necessidade de reforço da lógica de atenção psicossocial que pode ser inovada e apoiada por recursos tecnológicos.

**Descritores:** Criança; Adolescente; Saúde Mental; COVID-19; Serviços de Saúde Mental.

### ABSTRACT

**Objective:** to analyze the impacts of the COVID-19 pandemic on child and adolescent mental health actions from the perspective of the interdisciplinary team at a Child and Adolescent Psychosocial Care Center. **Method:** this qualitative research was conducted in 2021 with eight health care professionals from a municipality in the interior of São Paulo, Brazil, through semi-structured interviews. Data were analyzed using reflexive thematic analysis. **Results:** the study identified difficulties faced by children and adolescents during the pandemic, particularly due to school closures. These experiences need to be individualized in therapeutic projects. Professionals also reported impacts on their own mental health and a feeling of institutional isolation. Care focused on individual sessions, primarily in crisis situations, and remote formats, with the inclusion of new technological tools. **Conclusion:** this study offers contributions to the development of child and adolescent mental health care in the post-pandemic period, emphasizing the need to strengthen the psychosocial care approach, which can be innovated and supported by technological resources.

**Descriptors:** Child; Adolescent; Mental Health; COVID-19; Mental Health Services.

### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Castelhana MS, Souza CB, Leal TMO, Wernet M, Carlos DM. Letramento funcional em saúde de mães de recém-nascidos prematuros internados em uma unidade neonatal. Rev. enferm. UFPE on line. 2024;18:e262254 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2024.262254>

## INTRODUÇÃO

---

A pandemia por COVID-19 trouxe impactos sociais, econômicos e sanitários que marcaram a história do mundo<sup>1</sup>. Neste cenário caótico, potencial ampliador de sentimentos como medo e angústia na população, é salutar discutir acerca da saúde mental, principalmente em grupos vulneráveis como o infantojuvenil<sup>2</sup>.

A pauta da saúde mental infantojuvenil no Brasil foi incorporada tardiamente, no início do século XXI, considerando a implantação de Centros de Atenção Psicossocial infantojuvenil (CAPSij) e desenvolvendo estratégias de articulação intersetorial. Os CAPSij se configuram como espaços que ofertam cuidado por meio da lógica psicossocial. Este modelo lógico assistencial visa considerar, além das questões pessoais e a sintomatologia em si, o ambiente e os contextos sociais que seus usuários e famílias estão inseridos, promovendo assim um cuidado ao sofrimento que ressignifique e ofereça apoio, junto à coparticipação do usuário e família. Busca a articulação dos diferentes níveis de atenção dos serviços de saúde, a fim da reinserção social e da qualidade de vida<sup>3-4</sup>.

Apesar dos avanços, coexistem fragilidades para efetiva articulação dos serviços, ainda com papel e função solitários dos CAPS na construção de projetos terapêuticos. A produção científica também negligencia o olhar necessário à população infantojuvenil no Brasil<sup>4-5</sup>. Atrelado a estes desafios preexistentes, a COVID-19 e suas medidas sanitárias, legalmente estabelecidas de contenção, significaram um novo agravante para a saúde mental das crianças e adolescentes. O isolamento social, tido como principal estratégia para evitar o avanço da pandemia causada pela COVID-19, teve impacto relevante a esta população, em especial pelo afastamento escolar<sup>6</sup>.

A literatura sinaliza o agravamento das situações de sofrimento mental por crianças e adolescentes relacionadas ao período pandêmico, que intensificou espaços e contextos adoecedores<sup>7-8</sup>. Apesar destes indicativos, reconhece-se que existem lacunas na compreensão de como os serviços locais e no país manejaram o cuidado à saúde mental infantojuvenil, em especial para definir estratégias de ação no momento pós-pandêmico. Faz-se necessário circunscrever este olhar, problematizando possíveis consequências previsíveis do vivido na pandemia por crianças e adolescentes em acompanhamento nos CAPSij, a fim de aprender com este processo e (re)construir ações e serviços junto aos profissionais de saúde que vislumbrem práticas salutogênicas e amigáveis a esta população<sup>9-10</sup>.

Tais questões dialogam e são problematizadas pela Organização das Nações Unidas ao traçar a Agenda 2030 com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Neste âmbito, propõe-se garantir o acesso à saúde de qualidade e bem-estar global, portanto o

compromisso de número 3. Destarte, o objetivo deste artigo foi analisar os impactos pela pandemia de COVID-19 às ações em saúde mental infantojuvenil na perspectiva de profissionais de um CAPSij. Entende-se que mapear estes possíveis impactos pode ser um caminho para favorecer o acesso e a continuidade do cuidado em saúde mental à esta população e suas famílias, além de instrumentalizar os profissionais atuantes na área apoiados na perspectiva psicossocial.

## OBJETIVO

---

O objetivo deste artigo é analisar os impactos da pandemia de COVID-19 nas ações de saúde mental infantojuvenil, na perspectiva dos profissionais de um CAPSij.

## MÉTODO

---

Esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa social estratégica<sup>11</sup>, apoiada no conceito de atenção psicossocial<sup>3-4</sup>.

O campo de estudo foi um CAPSij de um município de média densidade populacional da região central do estado de São Paulo. Este município possuía, no período da coleta de dados, um único CAPSij, coerente ao preconizado para seu número de habitantes. Teve como participantes os profissionais do CAPSij que atuaram no período pandêmico, sendo os critérios de inclusão: (i) profissionais no último ano de formação ou graduados que realizaram atendimentos diretos a crianças e adolescentes; (ii) profissionais que trabalham no serviço há pelo menos três meses. Foram excluídos do estudo os profissionais que se afastaram por período superior a 30 dias durante o período de pandemia e pela ausência de resposta após três tentativas de contato.

Com o recurso tecnológico via *Google Meet* realizou-se a apresentação do estudo de forma online aos profissionais do CAPSij em março/2021, em reunião de equipe. Ao todo, dez profissionais e dois estagiários se interessaram em participar do estudo, concedendo seu número pessoal do celular para ser vinculado à rede social *Whatsapp* para envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em *Google Forms*, além de um formulário para caracterização dos profissionais. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com oito destes profissionais, sendo as outras duas descartadas por ausência de respostas.

As entrevistas semiestruturadas, realizadas por intermédio do *Google Meet*, de forma individual e guiadas por um roteiro<sup>11</sup>, tiveram as seguintes questões abertas e norteadoras: Você acha que a pandemia tem impactado a saúde mental de crianças e adolescentes? Como está o processo de trabalho do CAPSij neste período pandêmico?

Como vocês organizam o trabalho como equipe? Como os serviços têm se organizado? Quais são as fragilidades e potencialidades deste período da pandemia?

Toda a coleta de dados foi realizada no período de abril a junho de 2021. As entrevistas duraram em média 25 minutos. A saturação de dados<sup>11</sup> se deu pelo aparecimento de divergências e convergências, repetição e aprofundamento de questões relacionadas ao cuidado em saúde mental pela equipe do CAPSij. Para fins organizacionais, os participantes foram identificados por pseudônimos, compostos pela letra P (de participante) seguida de numeração atribuída obedecendo a ordem de realização das entrevistas.

Os dados qualitativos foram analisados mediante a análise temática reflexiva<sup>12</sup>. Portanto, foi elaborada uma análise com lógica indutiva, a partir dos dados, considerando um processo reflexivo, criativo, subjetivo e deliberado. Foram seguidos seis passos para análise, listados conforme a ordem de realização: familiarização com os dados; codificação; busca por temas; revisão de temas; definição e nomeação dos temas; escrita final<sup>12</sup>. Os dados foram validados junto aos participantes do estudo, considerando a estratégia de *member-checking*. Não foi possível validar com grupo distinto devido especificidade dos participantes.

O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer número 4.568.606, registrado na Plataforma Brasil pelo CEP/UFSCar, sob o CAAE 42893721.80000.5504.

## RESULTADOS

As informações sobre os participantes constam no Quadro 1.

**Quadro 1.** Informações sociodemográficas dos participantes da pesquisa. São Carlos, SP, Brasil, 2021.

Participante	Idade	Cargo	Tempo de Atuação	Formação	Tempo de Formação	Estado Civil	Cor	Religião	Filhos
P1	32	Enfermeira	4 anos	Enfermagem	8 anos	Casado(a)	Branco(a)	Católico(a)	Sim
P2	31	Psicóloga	2 anos	Psicologia	8 anos	Solteiro(a)	Branco(a)	Católico(a)	Não
P3	40	Terapeuta Ocupacional	3 anos	Terapia Ocupacional	16 anos	Casado(a)	Branco(a)	Católico(a)	Sim
P4	62	Psicóloga	4 anos	Psicologia	39 anos	Casado(a)	Branco(a)	Católico(a)	Não

P5	24	Estagiária	4 meses	Psicologia	--	Solteiro(a)	Branco(a)	Não Praticante	Não
P6	23	Estagiária	6 meses	Psicologia	--	Solteiro(a)	Branco(a)	Não Praticante	Não
P7	27	Assistente Administrativo	3 anos	Farmácia	4 anos	Solteiro(a)	Pardo(a)	Católico(a)	Não
P8	30	Técnica de Enfermagem	3 anos	Enfermagem	8 anos	Divorciado(a)	Branco(a)	Católico(a)	Sim

Fonte: Os autores (2021).

Após a análise das entrevistas, foram desvelados dois temas finais: Sentindo o contexto pandêmico - impactos à saúde mental de crianças, adolescentes e profissionais; e Cuidando no contexto pandêmico – impactos às ações em saúde mental infantojuvenil, descritas a seguir.

#### 1. Sentindo o contexto pandêmico - impactos à saúde mental de crianças, adolescentes e profissionais

As sensações e experiências vividas frente ao contexto pandêmico impactaram consideravelmente as ações realizadas pela equipe do CAPSij. Identificou-se que as crianças e os adolescentes tiveram impactos negativos, principalmente por mudanças na rotina escolar ou de vida diária e atendimentos presenciais, bem como afastamento dos pares. Pelas particularidades das infâncias e adolescências, os entrevistados relataram que no momento pandêmico os adolescentes vivenciavam mais dificuldades, mas num retorno escolar as crianças poderiam ter mais fragilidades. Pontuaram, inclusive, que as respostas que poderiam ser esperadas predominantemente para a pandemia, como medo e angústia, se apresentavam como patológicas, aumentando inclusive a demanda por cuidado:

*As crianças estão mais em casa, porém contato maior com os pais, então podemos dizer que estão sentindo menos a pandemia, do que o adolescente que tem um lado social muito intenso (...) Acredito que o retorno para a escola vai ser mais difícil para as crianças, não tanto para os adolescentes. Tanto crianças quanto adolescentes têm trazido sintomas em relação a pandemia, como angústia, choro, dores no peito que vem do nada, eles entendem as questões da pandemia, porém não tem a percepção da relação (P2).*

*(...) E ao mesmo tempo eu percebo o outro lado, que é aquele lado em que casos que não seriam casos para estar no CAPS e eles acabam aparecendo (...) Eu pergunto 'Ah, mas você acha que antes da pandemia tava assim como é que tá?' e eles sempre falam como se depois da pandemia houvesse um agravamento, né? eu penso que é gerador de angústia mesmo, a ansiedade (P4).*

Pelo ensino remoto, novas dificuldades de aprendizagem emergiram como agravantes a questões de sofrimento mental prévias, trazendo impacto ao cuidado delineado na pandemia, com previsão de permanecer após este período. Ademais, nem todos possuíam acesso à Internet com qualidade:

*(...) Obviamente está impactando no sentido principalmente na escola, a falta de convivência com pares, a falta de professor, a falta da presença na escola, com certeza atrapalha muitas coisas. Eu estava vendo uma palestra em que pontuo que terá provavelmente um surto de gente sendo diagnosticada com TDAH [Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade] quando voltar, porém, não é só isso, né? (P3).*

Os participantes desta pesquisa discutiram algumas singularidades que precisam ser consideradas para construção de ações na área de saúde mental de crianças e adolescentes durante e após a experiência herdada da pandemia, ou seja, a pós-pandemia, tais como: vulnerabilidade social, situação de rua, vivências anteriores de violências em casa ou na escola e uso de substâncias psicoativas. Tais situações trouxeram novas dimensões para pensar a saúde mental infantojuvenil, lançando luz a uma experiência singular para cada indivíduo, não devendo ser generalizada:

*Imagina para essas crianças e adolescentes que precisam lidar com a perda de pais, avós e tios. Eu atendi uma pessoa e ela me disse 'a gente tá tomando muito cuidado porque aqui no bairro está morrendo muita gente' (...) de que jeito que faz isolamento em um barraco de madeira (...), então como sempre quem tem mais vulnerabilidade sofre (P4).*

*(...) Muitos casos de adolescentes internados em clínicas para álcool e drogas, então, nesse caso, a pandemia teve esse alerta, seja pelo aumento do uso de determinada substância que já fazia, e percorre por uma dificuldade do atendimento ambulatorial, e que percorre pela participação mais atuante no tráfico ou na rua (...) Me preocupam essas crianças que não tem rede de apoio em casa, a mercê das vulnerabilidades, a violência, o alcoolismo, aquele espaço que é, não sei se eu uso a palavra, mas assim, um ambiente familiar tóxico para as crianças (...) Para uns é como se tivesse sido até bom não ir à escola, ficar mais em casa A escola ainda é um ambiente tóxico para algumas crianças, a questão do bullying, né? (P7)*

Finalmente, os profissionais relataram impactos à própria saúde mental em especial devido ao medo e mudanças na rotina pessoal como o teletrabalho, visto ser uma característica dos profissionais o relacionamento terapêutico. Além deste aspecto, trouxeram uma sobrecarga pela mudança nos instrumentos de trabalho – mediado por tecnologias, que será melhor aprofundado na próxima categoria:

*(...) Devido algumas questões, acredito que prejudicou minha saúde mental, precisei até iniciar uma medicação (P1)*

*(...) Bom, foi uma mudança brusca para todos... Com a pandemia, isso ficou muito dificultado, porque eu uso o transporte público, então um ponto foi esse, a dificuldade para ter acesso ao trabalho..., então várias coisas que mudaram na minha rotina (P6)*

*A maioria da nossa equipe tem filhos, filhos em idade escolar, situações particulares diversas dentro de casa, com seus familiares, e a pressão da gestão de a gente fazer o serviço, né? (P7)*

*(...) Sei lá que horas da noite tem alguém mandando alguma coisa lá naquele grupo, né? Então por mais que você não olhe ainda assim, tem alguma informação, então meio que é diferente você tá em casa, mas ao mesmo tempo surgem coisas pra resolver (P4)*

## 2. Cuidando no contexto pandêmico – impactos às ações em saúde mental infantojuvenil

Esse tema ressalta as principais implicações que o contexto pandêmico apresentou para a organização do cuidado à saúde mental infantojuvenil. Inegável que pela pandemia os atendimentos no CAPSij foram afetados – pela lógica psicossocial, esses atendimentos eram realizados de forma presencial e focado em estratégias coletivas. Com as especificidades da pandemia, os profissionais buscaram uma reestruturação das ações, lançando mão de recursos tecnológicos para mediar os atendimentos:

*Com certeza, eu acho que tudo passou a ser mais restritivo, perdemos a liberdade em algumas questões, a liberdade de poder chamar os usuários, sempre ter essa delicadeza de ah, “ele” vem de transporte público, então neste caso podemos fazer a distância, talvez encaixar a pessoa em um grupo, porém não tem como mais...acho que para o CAPS em que visamos muito o coletivo isso acabou impactando muito (P4)*

*(...) Uma coisa que foi implementada no serviço foi a questão do WhatsApp, a gente não tinha anteriormente e começamos a utilizar a tecnologia por meio das ferramentas eletrônicas (P1)*

No contexto desta pesquisa, uma grande alteração foi a suspensão de encontros coletivos; houve movimentos iniciais para manutenção dos grupos no formato online, porém pela baixa adesão – em especial pelo não acesso à Internet por toda população, não foram continuados, associado ainda à inexperiência de alguns recursos informacionais, muito frequente nas áreas de tecnologia de informação e comunicação (TICs):

*Assim, o nosso sistema de fluxo não parou, a gente suspendeu as atividades coletivas, porque que a gente precisava colocar essas crianças e adolescentes dentro de uma sala, em um determinado número e aí a gente suspendeu (...) Na verdade a gente ia tentar voltar dois grupos online, inicialmente para a gente sentir essa experiência de como que ia ser, porém nós não conseguimos quando a gente entrou em contato com as famílias eles não conseguiam bancar internet (...), porque eles estavam priorizando alimentação e algumas coisas básicas (P1)*

Os participantes também expressaram que o cuidar da saúde mental infantojuvenil na pandemia tomou novos contornos, com o uso de redes sociais para trabalhar aspectos preventivos e informacionais, buscando ser parte do cotidiano de crianças, adolescentes, suas famílias e comunidades:

*(...) A gente começou a usar mais também as redes sociais porque tinha a nossa página no Facebook, mas não era tão movimentada, então a gente começou a usar mais as redes sociais e, no ano passado, por exemplo, no mês de setembro a gente fez lives, deu uma movimentada nesse quesito e era algo que, se não fosse por conta da pandemia (P6)*

A despeito de avanços, percebe-se também perdas para que o cuidado na ótica psicossocial fosse realizado em tempos pandêmicos. Atividades que buscavam estimular o

pertencimento e vinculação dos usuários, como eventos e festas em datas comemorativas, foram suspensos:

*Uma coisa que eu acho que seria interessante de acrescentar é que, fora da pandemia, a gente fazia alguns eventos em datas comemorativas, então tinha festa junina, tinha a ceia de natal e era um momento muito bacana que reunia os familiares, os usuários, era um momento bem bacana mesmo e logo quando começou a pandemia, a gente ia fazer a da Páscoa, então já não tem mais esse momento, era um momento de pertencimento mesmo ao usuário, ele vinha aqui com a família dele e tirava um pouco esse estigma de que era só o lugar de fazer o atendimento pontual e acabou... (P6)*

Ademais, os profissionais relataram o não olhar ao CAPSij como serviço essencial pela gestão municipal. Os profissionais entrevistados trouxeram ainda as dificuldades para o cuidado sob a ótica psicossocial pelo funcionamento da rede de atenção durante a pandemia. Muitos serviços que tinham estreita relação com o CAPSij, como a Atenção Primária à Saúde (APS) e urgência e emergência, foram obrigados a uma nova lógica de atendimento, passaram a priorizar apenas casos de COVID-19. Ademais, para além da pandemia, os profissionais trouxeram também os impactos pelo fechamento de serviços intersetoriais no cuidado à saúde mental infantojuvenil, como medida sanitária para contenção do vírus:

*Que a nossa infância e adolescência fosse atendida com maior responsabilidade e compromisso na rede básica, com a equipe multiprofissional, nas unidades de urgência e emergência quando elas têm uma crise e vão para a UPA, porque o CAPS não é serviço de urgência e emergência e que a equipe da UPA, da urgência e emergência, possa ter um olhar mais profissional de se comunicar com a gente (P7)*

*(...) Saúde mental de infância e adolescência não se faz dentro de um CAPS somente, então o CAPS ele funcionou, mas e o resto? E as outras prioridades para as crianças? Sala de reforço, o esporte, o lazer, algumas possibilidades que sejam online, algumas possibilidades que podem ou devem começar já a serem ofertadas, que foi totalmente cancelada. As pessoas também deveriam se reinventar, as pessoas precisariam também ter tido alternativas, então isso não aconteceu... (P4)*

## DISCUSSÃO

---

A literatura vem corroborando os achados deste estudo no sentido do impacto da pandemia à saúde mental infantojuvenil. Crianças vivenciaram sentimentos de tristeza, medo, insegurança e raiva, sendo altamente sensíveis ao vivido por suas famílias – que por sua vez podem ter experienciado grande estresse<sup>13</sup>. Para os adolescentes, é dado a ambivalência imposta pela pandemia – a necessidade de distanciamento físico dos pares e a necessidade de afastamento dos pais / convivência grupal<sup>14</sup>. Tais aspectos necessitam ser considerados de maneira urgente para coordenação do cuidado em saúde mental

infantojuvenil, que deveria ser parte da resposta de todos os sistemas universais em período pós-pandêmico<sup>15</sup>.

Ressalta-se que demandas anteriores ao período pandêmico influenciam diretamente em relação ao enfrentamento dos impactos durante e após a pandemia. A literatura considerara que crianças com transtornos mentais pré-existentes ao isolamento social podem apresentar dificuldades de se integrar ou retornar a rotina após a pandemia devido à ansiedade gerada pela incerteza e aos estresses vividos<sup>7</sup>. Destaca também a importância do acompanhamento contínuo e prolongado à saúde mental infantojuvenil, em especial no período pós pandêmico, devido a diversas adversidades enfrentadas, como o luto e a instabilidade financeira, que acabam por afetar profundamente o bem-estar desta população<sup>7</sup>. É fato que a Enfermagem ocupa lugar privilegiado na gestão e assistência delineadas na linha de cuidado a crianças e adolescentes em sofrimento mental.

Os participantes ressaltaram o ainda difícil manejo com o ensino remoto por crianças e adolescentes. Estudo relatou que as crianças não possuem a estrutura necessária para vivenciar as dificuldades do processo de aprendizagem via *online* e quão é necessário se aprimorar a tecnologia do âmbito da educação. Tais cuidados são necessários a fim de evitar que um processo que deveria ser rico e prazeroso, acabe gerando sentimentos de desgaste e frustração, contribuindo para o aumento do estresse entre as crianças e adolescentes<sup>16</sup>.

Conforme exposto pelos participantes, há singularidades que precisam ser vislumbradas para delineamento do cuidado em saúde mental infantojuvenil. A pandemia teve a potencialidade de mudar para pior a realidade de crianças e adolescentes, tornando-as, assim, mais vulneráveis à violência e ao sofrimento mental, por exemplo. Famílias já vulneráveis frente a exclusão econômica ou pela superlotação em moradias encontraram-se particularmente em situação de risco<sup>17</sup>. Estudo internacional, a exemplo dos nacionais, desenvolvido em um condado de Jianli, na província de Hubei, na China, demonstrou que relatos de violência doméstica à polícia triplicaram durante o isolamento social<sup>7</sup>.

Sabe-se que durante esses momentos de distanciamento social, as crianças e adolescentes acabaram perdendo o contato e se afastando dos seus colegas, professores, família extensa e redes comunitárias, aumentando o risco de casos de violência, ou potencializando aqueles existentes. A sensação de solidão destas crianças dificulta ainda mais a identificação dos casos e suas denúncias, que irá contribuir negativamente para saúde mental, tornando-as mais vulneráveis a somatizações e levando a quadros de sofrimentos psíquicos como a depressão<sup>6-7</sup>. Reforça-se a perspectiva de construção singular de projetos terapêuticos presentes na perspectiva psicossocial, considerado seus

ambientes e contextos de inserção de vida, visto que a pandemia afetou as crianças e os adolescentes de forma desigual.

Neste âmbito, identificou-se também importante o olhar para a saúde mental dos profissionais. O medo no cotidiano desta população no cenário pandêmico também foi detectado em outros estudos. Esse emergiu pela preocupação do próprio contágio pela COVID-19 ou a infecção de outras pessoas incluindo familiares. Tais preocupações contribuíram para adoecimentos como estresse pós-traumático, sintomas depressivos, de ansiedade e comportamento suicida, associando ainda o aumento do consumo de álcool, tabaco e uma perda da qualidade do sono<sup>18-19</sup>. Estudo que compreendeu a dialógica entre ser mãe de criança e enfermeira durante a pandemia mostrou estresse e angústia gerados pela preocupação de contaminação dos filhos, corroborando com os dados evidenciados no presente estudo, como o frágil apoio institucional e social, as alterações na rotina, o aumento da demanda de cuidado parental<sup>20</sup>.

No âmbito do cuidado em saúde mental infantojuvenil em contexto pandêmico, o uso de TICs foram mediadores importantes. Tais tecnologias por vezes se mostraram disparadoras de sobrecarga aos profissionais - que a seu turno não tinham habilidades nesse campo do conhecimento - e em outros momentos foram as únicas formas possíveis de se aproximar dos usuários do CAPSij. Neste sentido, estudo<sup>21</sup> acompanhou as adaptações feitas em uma unidade de terapia ocupacional em Singapura, durante o período da pandemia. Verificaram que, embora benéfico, o teleatendimento possui desafios como a distração dos pacientes durante o teleatendimento. Além disso, destacou-se ainda as dificuldades advindas da questão socioeconômica, como o não acesso à Internet por parte das famílias, o que impedia algumas crianças de participar dos teleatendimentos<sup>21</sup>, corroborando dados deste estudo.

Outra pesquisa identificou a utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil diante da pandemia por COVID-19, e observou que o espaço das redes sociais se apresentou como uma possibilidade para a restauração do vínculo emocional e a ancoragem dos laços sociais. Este espaço contribuiu para o compartilhamento de experiências, sobretudo entre os adolescentes, auxiliando na promoção e prevenção de saúde mental<sup>22</sup>. Neste sentido, ressalta-se que é necessário uma organização e educação permanente da equipe de saúde para uso destas TICs para evitar novas sobrecargas aos profissionais, bem como acolhimento da população assistida.

Com relação ao modelo de atenção psicossocial, o presente estudo encontrou perdas importantes em especial em eventos e ações que permitiam outras formas de inserção (saudável) no mundo para crianças e adolescentes por vezes marginalizados. Autores apresentaram

conclusão semelhante em seu estudo, avaliando a interrupção das atividades de convivência e tratamento grupal como geradora de prejuízos na interação e no cuidado centrado na pessoa<sup>23</sup>.

Finalmente, vislumbrou-se o isolamento institucional do CAPSij no cuidado à saúde mental infantojuvenil – seja pela não priorização como serviço essencial, seja por alterações no funcionamento de outros serviços intra e intersetoriais. Outro estudo identificou situação semelhante<sup>23</sup>. Segundo os autores, a sobrecarga no sistema de saúde repercutiu nos CAPS, com o fechamento temporário, a adaptação do espaço ou o deslocamento dos profissionais de saúde para o atendimento de pacientes infectados pelo COVID-19. Como consequência, houve diminuição no número de profissionais atuando em alguns CAPS, causando prejuízo ao atendimento e gerando uma sobrecarga de trabalho para os profissionais que seguiram atuando em seus postos originais<sup>23</sup>.

Estudo analisou um grupo de 527 famílias italianas em que havia pessoas autistas; os autores verificaram que as famílias relataram haver carência no apoio dos serviços de saúde durante a pandemia<sup>24</sup>. Cuidados com a saúde mental foram subestimados no período da pandemia, tornando-se uma questão complexa e fatigante para pacientes e profissionais<sup>25</sup>. Tais aspectos trazem à tona a necessidade de em momento pós-pandêmico (re)olhar e (re)pautar a questão de saúde mental infantojuvenil em perspectiva psicossocial. Tal perspectiva é relevante para vislumbrar aspectos ligados a recursos humanos e estruturais para responder às demandas que emergiram, garantindo a longitudinalidade e coordenação do cuidado.

As limitações deste estudo se relacionaram às particularidades do contexto do município e serviço estudado, bem como dos participantes inseridos. Tais aspectos necessitam ser pensados para coerente transferibilidade dos dados a outros cenários.

## CONCLUSÃO

---

O estudo apresentou contribuições para a construção do cuidado em saúde mental infantojuvenil em período pós-pandêmico, em especial pela necessidade de reforço da lógica de atenção psicossocial que necessita ser inovada e apoiada por recursos e habilidades apreendidas com a pandemia de COVID-19.

Identificou-se dificuldades enfrentadas por crianças e adolescentes durante a pandemia, em especial pelo afastamento escolar, entretanto tais vivências necessitam ser singularizadas em projetos terapêuticos. Os profissionais também relataram impactos à sua própria saúde mental, bem como isolamento institucional do CAPSij, na contramão da perspectiva psicossocial. Os atendimentos focaram-se em encontros individuais e remotos, sendo incluídas novas ferramentas tecnológicas.

Diante disso, ainda não é possível uma avaliação a longo prazo dos efeitos da pandemia nas ações em saúde mental infantojuvenil, elencando, assim, a necessidade de mais estudos na área, com usuários e familiares dos serviços bem como profissionais inseridos em outros pontos da rede de atenção psicossocial.

## CONTRIBUIÇÕES

---

Marina de Santis Castelhana: concepção e planejamento do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados; redação e/ou revisão crítica do manuscrito; Caick Bispo De Souza: concepção e planejamento do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados; redação e/ou revisão crítica do manuscrito; Taliane Machado de Oliveira Leal: redação e/ou revisão crítica do manuscrito; Monika Wernet: redação e/ou revisão crítica do manuscrito; Diene Monique Carlos: concepção e planejamento do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados; redação e/ou revisão crítica do manuscrito.

## CONFLITO DE INTERESSES

---

Nada a declarar.

## FINANCIAMENTO

---

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

---

1. Bezerra GD, Sena ASR, Braga ST, dos Santos MEN, Correia LFR, Clementino KM de F, Carneiro YVA, Pinheiro WR. O impacto da pandemia por COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde: revisão integrativa. Rev. Enferm. Atual In Derme [Internet]. 2020 [Cited 23 Mar 2023];93:e-020012. Available from: <https://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/758>
2. Praisner T, Cervo MR. Saúde mental infanto-juvenil: o cuidado em municípios de pequeno porte. Fractal, Rev Psicol [Internet]. 2023;35:e5999. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2023/v35/5999>.
3. Fernandes ADSA, Tâno BL, Cid MFB, Matsukura TS. A saúde mental infantojuvenil na atenção básica à saúde: da concepção às perspectivas para o cuidado. Cad Bras Ter Ocup [Internet]. 2022;30:e3102. DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO23473102>.
4. Couto MCV, Delgado PGG. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. Psicol clin [Internet]. 2015Jan;27(1):17–40. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100002>.

5. Lima DKRR, Guimarães J. Articulação da Rede de Atenção Psicossocial e continuidade do cuidado em território: problematizando possíveis relações. *Physis* [Internet]. 2019;29(3):e290310. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290310>.
6. Marques ES, Moraes CL de, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2020;36(4):e00074420. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
7. Lee J. Mental health effects of school closures during COVID-19. *Lancet Child Adolesc Health*. 2020 Jun;4(6):421. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30109-7](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30109-7).
8. Shankar LG, Habich M, Rosenman M, Arzu J, Lales G, Hoffmann JA. Mental Health Emergency Department Visits by Children Before and During the COVID-19 Pandemic. *Acad Pediatr*. 2022 Sep-Oct;22(7):1127-1132. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acap.2022.05.022>.
9. Raballo A, Poletti M, Valmaggia L, McGorry PD. Editorial Perspective: Rethinking child and adolescent mental health care after COVID-19. *J Child Psychol Psychiatry*. 2021 Sep;62(9):1067-1069. DOI: <https://doi.org/10.1111/jcpp.13371>.
10. Kola L, Kohrt BA, Hanlon C, Naslund JA, Sikander S, Balaji M, et al. COVID-19 mental health impact and responses in low-income and middle-income countries: reimagining global mental health. *Lancet Psychiatry*. 2021 Jun;8(6):535-550. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(21\)00025-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(21)00025-0).
11. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. ed. 13. São Paulo: Hucitec, 2014.
12. Braun V, Clarke V. Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qual Res Sport Exerc Health*. 2019 [cited 2022 May 12];11(4):589-97. DOI: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>.
13. Imran N, Zeshan M, Pervaiz Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. *Pak J Med Sci*. 2020 May;36(COVID19-S4):S67-S72. DOI: <https://doi.org/10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759>.
14. Costa LCR, Gonçalves M, Sabino FHO, Oliveira WA de, Carlos DM. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2021;25:e200801. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.200801>.
15. Oliveira WA de, Silva JL da, Andrade ALM, Micheli DD, Carlos DM, Silva MAI. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2020;36(8):e00150020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-11X00150020>.
16. Rosario AB, Miranda FD, Martins MGT. Aprendizagem das crianças e aulas remotas em tempos de isolamento social da covid-19: intervenção da psicoterapia cognitivo comportamental. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 2022;8(1):394– 418. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i1.3796>.
17. Christoffel MM, Gomes ALM, Souza TV de, Ciuffo LL. Children's (in)visibility in social vulnerability and the impact of the novel coronavirus (COVID-19). *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2020;73:e20200302. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0302>.
18. Dantas ESO. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2021;25:e200203. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.200203>.

19. Dal’Bosco EB, Floriano LSM, Skupien SV, Arcaro G, Martins AR, Anselmo ACC. Mental health of nursing in coping with COVID-19 at a regional university hospital. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2020;73:e20200434. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0434>.
20. Carlos DM, Wernet M, Okido ACC, Oliveira WA de, Silveira AO, Costa LCR. The dialogical experience of being a mother of a child and a nurse in the covid-19 pandemic. *Texto contexto - enferm* [Internet]. 2020;29:e20200329. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0329>.
21. Priyadharsini H, Chiang JJ. Embracing telehealth: supporting young children and families through occupational therapy in Singapore during COVID-19. *World Federation of Occupational Therapists Bulletin*. 2020;76(2):90-93. DOI: <https://doi.org/10.1080/14473828.2020.1822574>
22. Andrade L, Mauch A, Costa J, Silva K, Almeida L, Araújo S, et al. A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. *Health Residencies Journal – HRJ*. 2020;1(2):44–61. DOI: <https://doi.org/10.51723/hrj.v1i2.12>.
23. Kantorski LP, Willrich JQ, Antonacci MH, Guedes AC, Brum NA, Menezes ES, et al. COVID-19 mental health repercussions in the workforce at community mental health centres. *Rev Enferm Atenção Saúde* [Internet]. 2023;12(1):e202361. DOI: <https://doi.org/10.18554/reas.v12i1.6389>.
24. Colizzi M, Sironi E, Antonini F, Ciceri ML, Bovo C, Zoccante L. Psychosocial and Behavioral Impact of COVID-19 in Autism Spectrum Disorder: An Online Parent Survey. *Brain Sci*. 2020 Jun 3;10(6):341. DOI: <https://doi.org/10.3390/brainsci10060341>.
25. Duan L, Zhu G. Psychological interventions for people affected by the COVID-19 epidemic. *Lancet Psychiatry*. 2020 Apr;7(4):300-302. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30073-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30073-0).

### **Autor correspondente**

Diene Monique Carlos

E-mail: [dieneCarlos@ufscar.br](mailto:dieneCarlos@ufscar.br)

Copyright© 2024 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.

 Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.